



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH CAMPUS VI
LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ANASTÁCIA APARECIDA REIS TEIXEIRA

**O USO DE RECURSOS LÚDICOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAETITÉ

2016

ANASTÁCIA APARECIDA REIS TEIXEIRA

**O USO DE RECURSOS LÚDICOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof^a. M^a. Zélia Malheiro Marques

CAETITÉ

2016

ANASTÁCIA APARECIDA REIS TEIXEIRA

**O USO DE RECURSOS LÚDICOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de licenciada em Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa e
Literaturas, à Universidade do Estado da
Bahia.

Aprovado em _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. Zélia Malheiro Marques

Prof. Esp. Ginaldo Cardoso de Araújo

Prof. Me. Edmilson de Sena Moraes

CAETITÉ

2016

Dedico este trabalho acadêmico, a minha mãe Creuza, mulher guerreira, que nunca mediu esforços para propiciar a mim e ao meu irmão uma educação de qualidade e ao meu pai Geraldo (*in memoriam*) que infelizmente por vontade de Deus não pode me acompanhar até o final da graduação, mas sei que ele comemora a minha conquista, pois, também, sempre me ajudou e incentivou em meus estudos. Pai (*in memoriam*) e mãe, meus exemplos de união, perseverança e amor. Essa vitória foi por vocês e para vocês!

AGRADECIMENTOS

*Primeiramente a Deus
Quero agradecer
Pela força, sabedoria e saúde.
Que me fizeram vencer.*

*Agradeço aos meus pais
Pelo amor e dedicação,
Meus heróis e exemplos
Para sempre os levarei no coração.*

*Um muito obrigado a
Meu irmão Jorge e Patrícia, minha cunhada,
Pelo apoio e grande ajuda
Nessa longa caminhada.*

*A meu noivo, Leydson,
Agradeço pelas palavras de incentivo
Pelo amor e companheirismo
Sendo sempre tão compreensivo.*

*Sou grata aos meus primos Fabiano, Fabiana e Ana.
E aos meus colegas, em especial, Rafaela.
Menina humilde, bondosa e amiga sincera,
A Deus sempre irei agradecer pela amizade dela.*

*Agradeço a professora orientadora Zélia
Por comigo compartilhar seu conhecimento.
Também ao professor Edmilson,
Merecedor do meu sincero agradecimento.*

*Aos meus alunos, fonte de minha inspiração,
Agradeço por tudo que foi compartilhado.
Enfim, a todos que de forma direta e indireta,
Contribuirão com essa sonhada conquista, Obrigado!*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os recursos lúdicos podem contribuir na aquisição da leitura, na Educação Infantil, e nesse âmbito descrever e analisar o papel da Literatura Infantil na construção do sujeito leitor. Para tanto, foram analisadas produções literárias coletadas durante um projeto de leitura, realizado com alunos, na faixa etária de 4 a 6 anos, na rede municipal de ensino do município de Caetité-BA. Teoricamente, o presente estudo ancorou-se em autores como: Abramovich (1997), Coelho (2003), Chartier (2001), Josso (2004), Lobato (2005), Meireles (1984), Miguez (2009), Moita (1995), Nóvoa (1988), Yunes (2003), Vygotsky (2009), Zilberman (1987), dentre outros. Foram utilizados os procedimentos metodológicos de natureza bibliográfica e autobiográfica. Com esse estudo, pudemos concluir o quanto é importante, na aprendizagem da criança, uma prática pedagógica rica em ludicidade e como está mediação influi intensamente em sua constituição leitora.

Palavras-chave: Leitura. Literatura Infantil. Constituição leitora. Recursos lúdicos. Abordagem autobiográfica.

ABSTRACT

The present investigation aims to understand how the recreational resources can contribute to the acquisition of reading in kindergarten and, in this framework, to describe and analyze the role of Children's Literature on the subject reader construction. Therefore, literary productions collected during a reading project with students from 4 to 6 years old in municipal schools in the city of Caetité, situated in the state of Bahia, were analyzed. Theoretically, this research is based on authors such as Abramovich (1997), Coelho (2003) Chartier (2001), Josso (2004), Lobato (2005), Meireles (1984), Miguez (2009), Moita (1995), Nóvoa (1988), Yunes (2003), Vygotsky (2009), Zilberman (1987), among others. Methodological procedures of autobiographical and bibliographical nature were used. This study emphasizes how a pedagogical practice rich in playfulness is important to the child's learning, having great impact on his/her constitution.

Keywords: Reading. Children's literature. Reader Constitution. Recreational resources. Autobiographical approach.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A ESCOLA E A LITERATURA INFANTIL	12
2.1 A literatura infantil na formação de sujeitos leitores	15
2.2 Influências dos recursos lúdicos no processo de aquisição de leitura	21
3 PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 Metodologia	27
3.2 Descrições do local e do ambiente da pesquisa	30
3.3 Colaboradores da pesquisa	32
3.4 Instrumentos da pesquisa	33
3.5 Procedimentos das oficinas para produção do livro de fábulas	35
4 O ATO DE LER: ENTRE O BELO E COM LEITORES INFANTIS	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar reflexões sobre o uso de recursos lúdicos no processo de aquisição da leitura, na educação infantil, abordando as indagações sobre o poder da Literatura Infantil e da prática pedagógica direcionada para a ludicidade na construção do sujeito leitor. Por essa condição, estamos com ações pela contribuição formativa do sujeito enquanto leitor desde o período da infância.

A escolha do presente objeto de estudo deu-se a partir de inquietações durante a minha graduação, principalmente nas aulas da disciplina O estético e o lúdico na literatura infanto-juvenil e durante as aulas de Estágio Supervisionado I e II, considerando o desenvolvimento de oficinas de maneira lúdica e voltadas para o despertar da vontade de ler de crianças. Com essas ações, o processo de reflexão de minhas memórias, pensando minhas histórias de constituição leitora, levando-me a pensar a metodologia deste trabalho com justificativas na abordagem autobiográfica, ao desenvolver a pesquisa, retornei a campos particulares referentes à minha história leitora.

Com isso, considereirei formas diferentes de se constituir leitor, de despertar o interesse pelo mundo literário, também, as coincidências no processo de formação, tanto o deles, quanto o meu. Assim fui percebendo que se faz possível leituras muito além do universo das leituras literárias e impressas em consonância com os recursos, inclusive eletrônicos, que devem ser usados em sala de aula contemporânea.

Outra experiência a ser considerada, por mim, foi a de sete anos como professora da educação infantil na rede municipal de ensino do município de Caetitê- BA. A partir do trabalho que desenvolvo com meus alunos durante esse tempo, deu para perceber como recursos lúdicos intensificam e despertam a vontade de se inserir no universo da leitura. Com isso, o encantamento e o desenvolvimento de atividades que fizeram parte do mundo dos educandos, podendo acompanhá-los em processo de navegação espetacular, condição que só a leitura pode nos proporcionar. Nessas aulas, produzi juntos com alunos, na faixa etária de 4 a 6 anos, um livro de fábula e estas produções acabaram sendo subsídio para pesquisa.

Assim, a realização desse estudo faz-se importante à medida que vem discutir e analisar o uso de recursos lúdicos na aquisição da leitura na educação infantil, pois, de certa maneira, a literatura infantil trabalhada de forma espontânea e lúdica, de forma diferenciada, exerce certa relevância sobre a criança.

Por isso, se fez necessário discutir o professor como mediador, com uma prática pedagógica inovadora e, nesse processo, atentar-se para o caráter social do ato de ler e em todos os fatores socioculturais que estão envolvidos no processo de aquisição da leitura das crianças. Neste sentido, este trabalho buscou compreender de que forma os recursos lúdicos contribuem para a aquisição da leitura na educação infantil? E qual é o papel da Literatura Infantil na construção de um sujeito leitor?

A convicção da necessidade da literatura infantil, na formação de leitores, fez-se relevante ao tratarmos da importância da leitura na escola e como deve ser trabalhada de forma atrativa e envolvente, ou seja, marcada por momentos lúdicos e prazerosos no contato das crianças com os textos literários, tendo como consequência o estímulo à leitura já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois como nos fala Abramovich (1997,p.16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].

A literatura infantil sempre esteve e está presente em nossas vidas muito antes da leitura e da escrita, seja por meio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda ou das contações de histórias realizadas pelos familiares, porém, quando as crianças chegam à escola, é que, normalmente, a literatura passa a ter o poder de construir uma ligação lúdica entre o mundo da imaginação e da leitura.

Sabemos que a partir do momento em que a criança tem acesso ao mundo da leitura, ela passa a buscar novos textos literários, faz novas descobertas e conseqüentemente amplia a compreensão de si e do mundo que a cerca. Nesse cenário, nós, professores, devemos atuar em sintonia, assegurando que o trabalho com a literatura infantil deva acontecer, de forma

dinâmica, por meio de práticas docentes geradoras de estímulos e capazes de influenciar de maneira significativa o desenvolvimento de habilidades orais, leitoras e escritoras.

Assim traçamos esta pesquisa, que é de natureza bibliográfica e autobiográfica e, após o levantamento bibliográfico, passou-se a leitura, fichamento, análise e interpretação dos dados, destacando pontos relevantes para a fundamentação teórica e construção do presente trabalho, selecionando os trabalhos realizados nas oficinas literárias. Para suporte teórico na construção da metodologia, utilizei citações de autores como: Matos (2001), Marconi e Lakatos (1992), Moita (1995), Nóvoa e Finger (1988), Ferrarotti (1988) e Josso (1988), dentre outros para justificar o trabalho de investigação.

As reflexões acerca do tema em estudo estão argumentadas como vistas às ideias de autores como: Abramovich (1997), Coelho (2003), Chartier (2001), Freire (2001), Lobato (2005), Meireles (1984), Miguez (2009), Vygotsky (2009), Yunes (2003), Zilberman (1987), entre outros que abordam em suas obras temas que tratam sobre aspectos, envolvendo a importância da Literatura Infantil e da ludicidade na aquisição da leitura e na produção de sentido que estes podem causar na vida e constituição leitora da criança, como também na relevância do papel do professor como incentivador do gosto literário no processo de ensino aprendizagem.

Durante a escrita, fui percebendo o quando minhas memórias de constituição leitora iam surgindo e com isso, constatei que, ao escrever minhas reflexões sobre formação e atuação enquanto professora e sobre a experiência adquirida com a produção do livro de fábulas com meus alunos, estive em um diálogo comigo mesma através da minha autobiografia sendo isto crucial para elaboração deste trabalho.

Para melhor estruturação do pensamento, esta pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro, “A escola e a Literatura Infantil”, traça um breve histórico acerca da história na Literatura Infantil e sobre como ela é trabalhada, na em sala de aula, estabelecendo assim, uma relação entre a literatura e a escola. Em seguida, vêm os subcapítulos “A Literatura Infantil na formação de sujeitos leitores”, “Influências dos recursos lúdicos no processo de aquisição de leitura”, diálogo com autores sobre a qualidade da literatura infantil e sobre a

importância dos recursos lúdicos e da mediação do professor para despertar no leitor o gosto e o prazer pela leitura.

Com isso, pude refletir sobre o processo de se trabalhar a literatura, na sala de aula, levando em conta as observações em relação ao que se estabelece entre literatura e escola na perspectiva de contribuição para que essas áreas sejam mais familiarizadas entre os envolvidos com a escola.

Sabemos que há um significativo número de pesquisas que revelam dados sobre o uso da literatura infantil pensando na ampliação do vocabulário, na melhoria da escrita e da ortografia, no ensino da gramática normativa, evidenciando a leitura de livros de literatura infantil de forma muito mais pedagógica do que literária e se concretiza sob o controle do professor, negando ao aluno uma participação afetiva.

No segundo capítulo, enfoquei o processo da pesquisa e o cenário onde esta aconteceu o trabalho e ainda trago o percurso e os métodos utilizados. No terceiro capítulo, “O ato de ler: entre o belo e com leitores infantis”, trago as reflexões acerca da pesquisa e sobre a constituição leitora sempre à baila das lembranças das minhas histórias de como me fiz leitora, afinal, colaborador da pesquisa e iniciante de pesquisadora têm histórias leitoras comuns.

Nas considerações, faço um balanço das experiências, falando do que acredito no que se refere ao processo de relevância desse trabalho, pois como professora sei o quanto é fundamental na aprendizagem da criança uma prática pedagógica rica em ludicidade e como esta mediação influi intensamente em um processo de constituição leitora.

Assim, a socialização desta pesquisa, ainda que modesta, pode contribuir para a reflexão daqueles que atuam na Educação Infantil, para que desta forma este público possa contribuir na constituição leitora de seus alunos.

Posso dizer que se trata de uma pesquisa aplicada. Além de coleta de dados, estive e estou como formadora e como iniciante de pesquisa, preparando-me para assumir minha condição de professora pesquisadora.

2 A ESCOLA E A LITERATURA INFANTIL

Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar.

Monteiro Lobato

São as crianças que com sua inocência e alegria nos desafia para termos este mundo encantado, que o escritor Monteiro Lobato imaginou sendo um mundo de aventura e fantasia, que só o livro pode nos proporcionar nos levando a inúmeros lugares ao decorrer da leitura. Assim é importantíssimo estimular em cada criança o gosto pela leitura desde a educação infantil, promover momentos especiais para contação de histórias, propiciar momentos de manuseio de livros e de diversos recursos escritos e figurativos, tornando dessa forma a leitura um ato prazeroso.

A escola vem ocupando um espaço significativo na rotina diária de crianças e jovens há muito tempo. Como acena Zilberman (2003), desde seu surgimento nas eras mais antigas, a escola era restrita apenas a elite das civilizações e aos laços de parentescos onde as crianças recebiam aulas de um pedagogo em suas residências, voltado o ensinamento de valores e condutas sociais básicas. Mas com o passar do tempo este sistema entra em decadência e abre espaço para uma escola já mais direcionada para o desenvolvimento moral, social e cultural dos educandos.

Nos meados do século XVIII, a literatura infantil era tida como mercadoria, principalmente para a sociedade aristocrática. Com os anos, a sociedade cresceu e modernizou-se por meio da industrialização, expandindo assim a produção de livros. A partir daí, os laços entre a literatura e a escola começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia á escola desenvolver essa capacidade: “a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo.” (ZILBERMAN, 2003, p.25). Assim, como vimos, é no interior do seio familiar que se intensifica o gosto pela leitura por construir uma atividade adequada ao contexto de privacidade, próprio da vida doméstica.

Podemos perceber que a escola é, atualmente, espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do individuo. Como

aborda a autora em destaque, é nesse espaço que privilegiamos os estudos literários, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas línguas e significados. Em meio a valores que intensificam a consciência do eu em relação ao outro e a leitura do mundo em seus vários níveis. Mas essa valorização da escola não quer dizer, que deve ser entendida como sistema, um sistema rígido, reprodutor, disciplinador, característica da escola tradicional. Hoje, ao contrário, deve se adotar como libertário e orientador, para permitir a criança em formação ter uma aprendizagem significativa e ser um sujeito leitor.

A autora Nelly Novaes Coelho (2000), traz em seu livro *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*, alguns pressupostos para um projeto de ensino da literatura infantil, sendo estes:

1. Concepção da criança como um ser educável: o ser humano é (ou deve ser) um aprendiz de cultura, enquanto dura o seu círculo vital.
2. Concepção da literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial/ social/ cultural.
3. Valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura.
4. Compreensão da leitura como um diálogo entre leitor e texto, atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade (emoções, intelecto imaginário) e pode leva-lo da informação imediata(atraves da história, situação ou conflito) à formação interior, a curto, médio ou longo prazo(pela fruição de emoções e gradativa conscientização dos valores ou desvalores que se defrontam no convívio social).
5. Compreensão da escrita como ato-fruto da leitura e da criatividade estimulada pelo professor.
6. Certeza de que os meios didáticos (métodos, processos, estratégias, técnicas...) são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.
7. Certeza de que a escola é o espaço privilegiado, em que devem ser colocados os alicerces do processo de autorealização vital/ cultura, que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice. (p.17-18).

Diante desses pressupostos para um projeto de ensino da literatura infantil, podemos nos conscientizar da responsabilidade da escola, e principalmente do professor no processo de construção da aprendizagem da criança. Com estes princípios o educando será direcionado para um caminho

onde sua constituição do saber e da aquisição da leitura, deverão torná-lo futuramente um sujeito leitor ativo.

A autora também defende que a natureza da literatura infantil é a mesma dos adultos: atuar sobre as mentes, nas quais se expandem às emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. Porém, “as diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza de seu leitor/receptor: a criança.” (COELHO, 2000, p.29).

Portanto, caracterizamos um livro infantil, dos demais, quando ele tem o poder extraordinário de prender a atenção de uma criança por horas ou por diversas vezes. É a arte da palavra que seduz, encanta, diverte, brinca e emociona, emoção esta descrita nas palavras de Cecília Meireles:

Ah! Tu, livro despretensioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... Tu sim és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal. (MEIRELES, 1984, p.31).

Desta maneira, entendemos que a literatura infantil permite não somente uma única definição, mas, múltiplas definições, múltiplos pontos de vista:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...] (COELHO, 2000, p. 27).

Literatura e arte são componentes indispensáveis para a leitura infantil pela necessidade de prender a criança ao objeto de prazer. Diante desse cenário podemos perceber o longo caminho percorrido pela literatura até os dias atuais. Todavia, sabemos que em nossa realidade esta descoberta – a literatura puramente infantil – é muito recente. Nelly Novaes Coelho (2000) nos revela que os textos, os contos, os livros infantis, ou seja, a literatura infantil, somente se desvela no Brasil no início do século XX, e a partir da década de 70 a descobrimos como um “agente ideal para a formação de uma nova mentalidade.” (p.), e hoje a literatura infantil é tema dos mais diversos debates, experiências e propostas para reformas educacionais.

É, a literatura infantil vista como agente formador. Dessa forma, o professor precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientando segundo autores como Abramovich (1997, p.44) em três direções principais: da literatura (como leitor atento e ativo), da realidade que o cerca (como cidadão consciente da sociedade que cerca) e da docência (como profissional competente). Assim, o professor não pode parar no tempo, este por sua vez deve acompanhar as transformações do mundo, adequando seu trabalho às necessidades do leitor em formação.

2.1 A literatura infantil na formação de sujeitos leitores

Para falar em literatura na escola e a formação de leitores, há que se falar primeiro em leitura e em quem a promove. Que é a leitura? Como deve atuar o indivíduo - seja ele professor ou não - que se propõe formar novos leitores? Aparentemente, são ociosas essas perguntas, cujas respostas todos conhecemos. Contudo, com relação à leitura existem diversas formas de leitura.

Como diz Coelho (2000) é visível na sociedade que, muitas vezes, os professores e outros que não são professores compreendem a literatura infantil e a confundem com os livros didáticos denominando-a como tal. O livro didático e considerado com certo parentesco da literatura, como texto para ler e botar para fora, descartável acontecendo igualmente com o livro didático ou ele fica superado dado o avanço da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. Tornando-se também subsidio para as editoras, a vendabilidade do didático é certa por conta do apoio do sistema de ensino, e é aceito por pais e professores. Atualmente apenas a literatura infantil oferece-lhe concorrência.

Considerando a relevância da literatura como meio de proporcionar a criança sempre algo a mais, pensando elementos como: a magia, a fantasia, o encantamento de mundo por ela habitado deve também ajudar a criança na leitura e na construção do leitor. Deve ser encontrada e proporcionada através de recursos didáticos acessíveis.

Ainda para ratificar a importância da literatura infantil no processo de formação do leitor da criança a autora Nely Novaes Coelho (2000, p. p.27) salienta que,

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização.

Assim, a literatura infantil é quem, por si mesma, estimula, nas crianças, interesses adormecidos que, esperam que essa espécie de criação e prazer os desperte para aspectos do mundo que as rodeia; age sobre as forças do intelecto, como a imaginação ou mesmo o senso estético, que precisa do impulso de correntes exteriores para adquirir pleno desenvolvimento na evolução psíquica da criança. A partir do estímulo desenvolvido pelo encantamento da fantasia, a criança passa a compreender o mundo mágico como subsídio para a realidade.

Sabemos que a leitura é um processo contínuo. Mediante esta realidade buscam-se teorias e práticas que despertem interesse e gosto pela leitura em crianças de 4 a 6 anos, buscando os principais meios que incentivem o hábito pela leitura, ampliando assim o universo da criança. Assegurando que devemos ter em mente a importância que a sociedade, a família e a escola dedicam ao ato da leitura infantil.

Neste sentido, a leitura não é apenas decodificar as letras em si. Como diz Kato (1999) está muito além de símbolos gráficos, visa compreender, interpretar o mundo a sua volta. Tomada a leitura como uma atividade insubstituível e imprescindível tanto ao crescimento individual como ao social, o acesso a ela possibilita não só a revelação proveniente de sua grandeza, como também distinção, diferenciação, destaque diante da sociedade onde, muitos se utilizam dela como caráter obrigatório de sobrevivência ficando tantos a margem por não tê-la adquirido.

Entretanto, a história da leitura se confunde com a história do livro e da literatura infantil no Brasil, por terem sido promulgadas quase num mesmo período e por grandes escritores como Monteiro Lobato, sendo ele um dos mais célebres tradutores do início do século XX. Muitos escritores trabalhavam

como tradutores da arte literária escrita por falta de incentivo à literatura no Brasil. Monteiro Lobato foi um desses escritores que traduziam as obras estrangeiras para nossa língua e, ele mesmo traduziu os clássicos contos de fadas, para posteriormente iniciar a escrita de seus célebres livros incentivando ainda mais a leitura no Brasil.

O ato de ler está sempre associado à decodificação dos sinais simbólicos escritos, e o leitor sujeito capaz de fazer essa decodificação, porém não basta somente à decodificação dos signos para acontecer à leitura. Podemos fazer a leitura de um gesto, de olhar, um sinal no meio da rua, um sorriso e tantos outros. Aprendemos a ler a partir de nosso contexto pessoal para depois passar a lermos o mundo em nossa volta, e esta leitura nós fazemos desde que somos crianças de colo que, através de um pequeno choro identificamos algo de estranho na criança como fome, dor ou outro problema.

A infância é o período mais adequado para haver maior concentração e preocupação no desenvolvimento da leitura, pois é necessário que se mostre à criança o que precisa ser construído por ela no âmbito do aprendizado da leitura, no qual o adulto leitor experiente tem a função de tornar possível a aprendizagem desta atividade. Para facilitar a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita, o adulto deve ler para ela.

Abramovich (1997, p. 23) nos diz que “[...] o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor”. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num universo de descobertas e de compreensão do mundo. Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade. Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e mais compreensões.

É de responsabilidade do leitor adulto, principalmente o professor, mostrar à criança como os escritos que circulam no cotidiano podem ser utilizados, a fim de que a mesma compreenda seus sentidos. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado. Ela

descobre a diferença entre a fala e a escrita, ambos necessários a aprendizagem inicial da leitura.

Kato (1999) salienta que é a partir da interação social e do diálogo, que se pretende conhecer e compreender a relevância da literatura, que é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural, que, por meio da leitura, sendo esta um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, propicia sentido de construção e compreensão do mundo utilizando também os seus próprios conhecimentos,

A leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimento, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo que seria possível explicitar. (ZILBERMANN, 2003, p.33).

Com essa ideia de procura, o autor se aproxima do conhecimento, da ação de criar como diz Monteiro Lobato:

O conhecimento é significativo quando o aluno aprende um conteúdo, um conceito, explica um fenômeno, resolve problemas, adquire normas de comportamento e valores e é capaz de atribuir-lhes sentidos e significados; quando a criança é capaz de estabelecer entre o que aprende e o que acontece. (LOBATO, 2005, p.50-51).

Diante disso, a literatura infantil também nos deixa algo implícito, imperceptível cabendo ao leitor, a criança, desvendar esses mundos, transformá-los em realidade em cada mundo interior e em cada meio social dando sentido e significados próprios. A partir da opinião formada através da leitura sem obrigatoriedade, surge a sensação, o sentimento de que algo novo foi descoberto, outro mundo, outro lugar, é que o leitor passa a divulgar seu ponto de vista, suas opiniões e indicar livros a outras crianças tornando assim, um hábito, e deixa de fazer a leitura impositiva e sim, desafiadora e transformadora como afirma Fanny Abramovich(1997, p.148) como a leitura não deve ser encarada,

Enfim, simplesmente colocar a leitura do livro infantil brasileiro no currículo escolar não quer dizer nada... Pode-se até estar

formando pessoas com ojeriza permanente pela leitura, a quantidade de livros que lhes pedem que leiam, aliada a nenhuma crítica que é solicitada... Apenas fazendo de conta que se leu, como se assinasse um visto, uma rubrica de feito.

Mais que aproximar livros dos leitores é necessário mediar práticas leitoras. O leitor e a leitura tomam novos olhares, novos significados e se mostram entrelaçados aos momentos de prazer e descontração. E onde melhor podemos encontrar esse prazer e descontração senão num livro infantil, principalmente quando atrelada ao pedagógico à literatura infantil transmite prazer, fascinação, magia, instiga a construção de leitores, estimula a criatividade. Para, além disso, a leitura, como fonte de prazer, é responsável pela formação de um sujeito ético, responsável e íntegro, como sugere o professor Jorge De Souza Araújo (2006, p.25), um grande amante da leitura.

O prazer de ver, o prazer de ser, de construir-se sujeito e objeto do prazer de ser, não nos vem desaparelhados de outros compromissos (éticos todos eles). A formação leitora é, assim, um dos mais fecundos materiais de constituição dos sujeitos leitores, tornados agentes multiplicadores de ações de leitura de si e do mundo, contribuindo para a sedimentação de mentalidades culturais voltadas para a consolidação da cidadania plena.

Assim sendo, a formação leitora se funde como um dos meios de constituição de sujeitos e à medida que este sujeito se constitui, surge também um leitor e um ato de leitura. Podemos pensar então que a leitura se reveste de uma dupla ação complementadora em seus fins. Desempenha papel relevante na formação de indivíduos capazes e com criticidade da realidade, exercendo uma dupla ação, a formação pela constituição de sujeitos e é incentivadora de leitores.

Como aponta o autor, a leitura se faz a partir de pequenos gestos, atos ou sinais como, a cada página virada, cada imagem captada pela retina, a cada novo piscar de olhos, a cada imagem guardada na memória abre-se um novo significado para a leitura e entra em cena uma nova constituição do leitor.

Após iniciar se como um sujeito leitor através da intervenção dos pais, a criança faz leitura de tudo contido ao nosso redor. Após a iniciação leitora de mundo e de si mesmo, a criança compreender e interpretá-la melhor a partir

das histórias que lhes são contadas na infância, período em que está aberta ao mundo do descobrimento. É neste período que se descobrem todas as alegrias, tristezas, sensações, sentimentos na criança, onde ela propicia um melhor entendimento, uma melhor compreensão do mundo, da sua própria realidade.

A história, sendo ela de qualquer tipo ou gênero, abre espaço para a alegria, magia, imaginação e o prazer de ler, compreender, interpretar a si e a própria realidade. Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação como exemplo tem entre as figuras e o texto lido ou narrado; o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais, como toda história tem início, meio e fim.

Entre textos infantis, narrativos ou não a literatura infantil, como fenômeno significativo é de amplo alcance na formação das crianças, como diz o estudioso Marc Soriano (1975, p. 26) em meio a uma de suas definições:

A literatura é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que por definição, ao longo do período considerado, não dispõe de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta.

Nesta linha de pensamento, o autor destaca que o livro infantil é entendido como uma mensagem (comunicação) entre um autor adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem.

É perceptível de que a cada momento professores/educadores, escola, pais e outras autoridades competentes vêm compreendendo a relevância da literatura, em especial a infantil, da leitura e do livro na construção, na formação imprescindível de sujeitos leitores em que atuam. Para Zilberman (2003), “os livros ajudam as crianças e os jovens a crescer, e encontrar caminhos e soluções para suas proposições, suas inquietações, seus problemas de ordem intelectual, psicológica, étnica, moral e social.” (p.47).

Não basta ensinar a criança a ler para haver uma leitura afetiva e significativa, é preciso despertar o interesse da mesma para a leitura, e para

tanto é necessário subsídios para inserir os educandos da educação infantil no universo literário, despertando a imaginação, fantasia, sentimentos e emoções, para assim chamar a atenção destes. Estes elementos intensificadores da leitura são os recursos lúdicos, que tem o poder de por meio deles fazer com que o professor consiga encaminhar os leitores desde a educação infantil.

2.2 Influências dos recursos lúdicos no processo de aquisição de leitura

É na interação lúdica com o mundo da magia, fantasia, mistérios e surpresas através da escrita literária que teremos possibilidades de construção do sujeito e do leitor. A partir do momento em que a criança, na infância, entra em contato com essa obra literária desvendando os grandes mistérios presentes dentro de uma história infantil tem-se a possibilidade de construção da subjetividade e pela potência da literatura em criar mundos e identidades, a criança desenvolve valores, emoções, sentimentos e consegue se relacionar de forma mais concreta com a realidade e consigo mesma.

Temos a consciência de que o contato inicial com textos literários deve ser feito por meio da família através da contação de histórias, e essas leituras ajudam a criança a desenvolver-se intelectualmente e emocionalmente. Assim, depois dessa primeira fase de contato com a literatura, a escola deve ser responsável pelo contato mais concreto por meio das leituras literárias nas rodinhas de leitura coletiva, isso tudo envolvendo muita ludicidade e mediação do professor.

Assim, o ato da leitura, como já vimos, se transforma em um ato de aprendizagem, e isso é uma das peculiaridades da literatura infantil, pois de acordo Soriano (1975, p.34):

Ela não pode querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. O livro em questão, por mais simplificado e gratuito que seja, aparece sempre ao pequeno leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. Se a infância é o período de aprendizagem, toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período tem necessariamente uma

vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas de conhecimento.

Muitos que trabalham com a educação infantil simplesmente adotam como o ato de cuidar e brincar com a criança, e a utilização do lúdico como uma banal brincadeira em sala de aula, sem nada acrescentar para os educandos, porque é muito forte em nossa época a reação contra a vocação pedagógica da literatura infantil e a defesa unicamente de sua qualidade de entretenimento. Com essa ideia tem sido forte a radicalização que só pode ser negativa. Por um lado, porque se a literatura resultar de um ato criador, essas oposições não existiriam, pois as duas intenções eram ali fundidas. Acreditamos que a literatura infantil e também adulta precisam urgentemente serem descobertas, não como mero entretenimento, mas sim como aventura espiritual que engaje cada leitor em uma experiência rica de vida, inteligências e emoção.

Nesse contexto, como aponta Abramovich (1997), podemos observar a importância da literatura infantil e do lúdico no processo de aquisição da leitura, pois é seguindo pelo território da criação, da curiosidade, e principalmente da imaginação que a criança caminha na paisagem mágica do seu próprio mistério. Essa visão mágica do mundo move o imaginário, onde sem dúvida a plenitude do pensamento mágico se desenvolve na infância, pois os pequenos aprendizes leem o mundo a partir de suas impressões imaginárias, e tal contemplação espontânea deixa marcas decisivas na história memorialística desse leitor em construção.

Viajar pelo mundo da imaginação, por meio da ludicidade favorece a presença da criatividade e do senso crítico, componentes necessários na prática da leitura, reforça-se, assim, a importância do uso do lúdico na sala de aula, sendo subsidio pelo despertar da imaginação e pelo gosto pela leitura, pois só assim haverá o desenvolvimento pleno do verdadeiro leitor.

Ronca e Terzi (1995 apud TEZANI, 2004, p. 96) afirmam que:

[...] o lúdico proporciona compreender os limites e as possibilidades da assimilação de novos conhecimentos pela criança, visto que, mediante o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem, o indivíduo conhece e interpreta os fenômenos à sua volta, trabalhando com os limites existentes entre o imaginário e o concreto.

Deste modo, nós, educadores, devemos nos conscientizar que é fundamental na educação infantil a responsabilidade de todos os envolvidos proporcionarem condições para uma prática educativa comprometida com a ludicidade. De acordo com Didonet (2002). A ludicidade é uma característica essencial da criança. Tudo para ela é um jogo. O brinquedo é sua forma própria de relacionar-se com o mundo. Pelo brinquedo ela mergulha no significado dos objetos e das situações, apreende-os, incorpora-os ao seu conhecimento e a seu mundo. Brincar é a coisa mais séria, mais absorvente de uma criança. É brincando que ela se desenvolve física e psiquicamente. Todas as atividades educativas em instituições devem ter um caráter lúdico.

Yunes (2003, p.13) ainda destaca que:

A sala de aula, o salão de leitura não pode ser apenas lugares de tarefas e avaliações; cabe lhes, sobretudo o empenho em comover as experiências mais especiais do aprendiz no resgate do texto e na palavra do outro, de modo a lograr que a intimidade, ao ser partilhada, supere seus limites individualistas e alcance uma dimensão que seja a um só tempo singular e plural. Singular porque original (que escapa do óbvio) e plural porque em diálogo com a diversidade (que não se confunde com o senso comum). Alguém já falou na ventura e aventura de ler. Cabe-nos levantar a cabeça e usar o imaginário tanto quanto a experiência real.

Devemos ter o prazer de ler e despertar assim o gosto pela leitura. Todo professor tem que ser um leitor entusiasmado para poder transmitir aos alunos a paixão de ler, e assim cativá-los. Sem dúvida, a literatura, quando bem utilizada na sala de aula, é a maior responsável pela concretização dessa meta.

A construção da leitura na sala de aula merece cuidados especiais por parte do professor. O livro de literatura é um objeto de arte com características particulares oriundas de uma experiência criadora. Enquanto arte da palavra, o texto literário semeia diversos sentidos na busca de um cultivo plural de

leituras. Cabe a cada leitor a cultura desse solo criativo de descampado feito. O ato de ler e ouvir utiliza esse processo revelador da arte da palavra desenvolvendo a expressão do sujeito leitor numa dimensão crítico-reflexiva (MIGUEZ, 2009, p.15).

É com essa perspectiva, então que a prática leitora do livro infantil deve se manifestar no convívio da sala de aula. O professor é o intérprete dessa fala reveladora da literatura ao desvelar os múltiplos caminhos da leitura. Dessa forma a literatura assume o seu verdadeiro lugar na leitura da escola.

É preciso a conscientização na sala de aula de que o lúdico não é algo inato, e sim uma interação com o outro e, desta forma, aproxima professor e aluno, que por sua vez, faz do brincar um aprendizado para a vida. E ainda diz Paschoal (2007, p.95):

Na organização do conhecimento empírico da criança, devemos considerar as situações de aprendizagem que são geradas na sala de aula, nas brincadeiras, nas conversas, na hora do conto, entre outros. É, nestes momentos, que ela começa a entender melhor o seu viver e expõe sua maneira infantil de ler/ver o mundo.

É necessário proporcionar espaço em sala de aula para as brincadeiras, onde as crianças aprendem a resolver os conflitos que surgem. Acreditamos que:

Na medida em que nos convencemos de que o brincar é a atividade da qual a criança mais conhece o mundo físico e mais é levada a organizar e a reorganizar seus processos de pensamento, ao mesmo tempo em que conquista as mudanças qualitativas mais significativas de sua personalidade, passamos a buscar as condições para garantir que este espaço privilegiado em nossa atividade docente na escola da infância (PASCHOAL; MELLO, 2007, p. 49).

Logo, entendemos que deve existir a priorização do imaginário e do brincar da criança, possibilitando assim, a construção da leitura numa relação afetiva-prazerosa. Destaca-se também, a importância dada às atividades lúdicas, na sala de aula, bem mediadas pelo professor, “a leitura não é apenas

uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros.” (CHARTIER, 1998, p. 8).

Ler não é ação que se dá pela junção de experiências vividas ou que nos leva a vivê-las ao termos contato com instrumentos como o livro:

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes. É papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor. (CHARTIER, 2003, p. 173).

Deste modo, não basta nós, professores, utilizarmos apenas o livro. É necessário utilizarmos outros recursos, os lúdicos, outros instrumentos como os eletrônicos, pois o leitor contemporâneo para adentrar realmente no universo da leitura, é preciso que além da leitura de textos impressos, haja a leitura de textos culturais. Assim, nós, discentes, devemos fazer uso dos recursos necessários para encaminhar a criança ao caminho mais vindouro e próspero que é o da leitura.

Só libertando o imaginário da criança é que ela conseguirá descobrir as várias possibilidades de conhecer e interpretar a vida, as pessoas, o mundo. A leitura enquanto ato individual, espontâneo e interior não deve ser manipulada como dever de sala de aula, pelo contrario ela deve ser expressão de um sentimento de prazer. É o prazer de ver, ler e descobrir o mundo através da leitura. Logo, é uma escola assim, que adote práticas de leitura incentivadoras e prazerosas que queremos para todas as crianças. freire

Enfim, trabalhar na educação infantil é entrar para esse universo fantástico onde o lúdico prevalece. É participar do imaginário da criança, atribuindo significados para essa imaginação. Os professores por sua vez, devem fazer do simples ato de ler para a criança uma iniciativa de promover em nossa sociedade atual, a construção de leitores que valorizem o hábito de ler.

Essas ações iniciadas desde a educação infantil podem despertar desde cedo o interesse da criança para a forma como irá agir e estar no mundo, compreendendo e interpretando a si próprio e a sua realidade, pois com a utilização dos recursos lúdicos, em sala de aula, os educandos da educação infantil terão mais facilidade e assim com mais rapidez irá haver a aquisição da leitura.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Metodologia

Essa pesquisa é de natureza bibliográfica e autobiográfica e, após o levantamento bibliográfico, passou-se a leitura, fichamento, análise e interpretação dos dados, destacando pontos relevantes para a fundamentação teórica e construção da pesquisa.

Segundo Matos (2001) a partir da análise dos dados coletados e dos procedimentos utilizados, o pesquisador consegue ter um conhecimento, mais amplo do conteúdo estudado. Após ter se concretizado a atividade de coleta, o seu próximo passo é transformar os dados em novos conhecimentos. Para tanto, o autor afirma que:

Ao analisar as informações, o pesquisador não caminha às cegas, mas antes, adota determinados procedimentos que imprimem um caráter de maior objetividade aos dados, facilitando sua interpretação. Depois de conduzido o trabalho de coleta, sua tarefa básica é fazer os dados falarem. Para tanto além das possibilidades já assinadas, dispõe também de outros recursos, como a análise de conteúdo e a análise de discurso, procedimentos que podem ser formas de trabalho e finalidades semelhantes, mas trazem diferenças entre si. (MATOS, 2001, p.48).

A pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (1992), é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Na minha pesquisa bibliográfica foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo, artigos e textos que possibilitaram que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado. Dessa forma, é de suma importância no desenvolvimento do meu trabalho.

E a pesquisa autobiográfica, Moita (1995) considera esta com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois "põe em

evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (p. 113), razão pela qual os estudos autobiográficos podem ser entendidos como referentes a vidas inseridas em um sistema em que a pluralidade de expectativas e de memórias é o corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de uma pluralidade de tempos sociais.

Assim, se tratando da autobiografia faço uso das palavras de Philippe Lejeune (2008), a autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que o narrador faz de fatos marcantes de sua vida. Nesse sentido, o narrador deve ser uma pessoa real, pois na autobiografia o leitor espera que o horizonte de verdade seja pertinente.

Nóvoa e Finger (1988, p. 12) declaram que apesar de o método autobiográfico ser antigo, os debates em torno a ele são recentes. O seu uso provocou discussão polêmica quanto à validade de um método de investigação em que o pesquisador está intimamente envolvido com o pesquisado. Neste caso, em particular, quem reflete sou eu, sendo analisada por mim mesma. Assim sendo, nada mais natural que seja o meu ponto de vista aquele que sofra mudanças resultantes da própria pesquisa.

Assim, na autobiografia, o centro da atenção é o eu que recorda e dá conta de sua vida e sua pessoa. Ferrarotti (1988, p.27) ratifica a importância do método autobiográfico:

Todo o ato individual é uma totalização sintética de um sistema social. A narrativa biográfica conta uma vida? Diríamos antes que narra uma interação presente por intermédio de uma vida. Não há mais verdade biográfica numa narrativa oral espontânea do que num diário, numa autobiografia ou num livro de memórias. E só alcançaremos esta verdade biográfica se sublinharmos a verdade interacional que a narrativa encerra.

Dessa forma, ao começar escrever minhas reflexões sobre minha formação e atuação enquanto professora estou em um diálogo comigo mesma através da minha autobiografia, porém ao fazê-lo tenho a consciência de que durante a minha escrita não serei apenas eu, pois acredito ser uma representante da minha classe estudantil e profissional, inserida em um mundo constituído de cultura, ciência, história e principalmente de valores. Nesse

processo imagino que milhares de meninas sonhadoras e de famílias humildes, assim como eu, ainda se alfabetizando já almejavam ser uma professora e com esforço num futuro muito próximo estar lecionando com muito amor a profissão. Nesse contexto, quando escrevo, represento, mesmo sem intenção, pessoas que percorrem caminhos histórico-sociais parecidos com os meus.

Segundo Josso (1988), o ato de escrever gera um processo de reflexão na pessoa que escreve, e o método autobiográfico possui características muito interessantes para colaborar nesse processo crítico-reflexivo. A autora salienta ainda que o objetivo da escrita de autobiografias é precisamente conhecer e entender os significados que cada um de nós, de maneira subjetiva, atribui os relacionamentos e às situações que vivemos no nosso processo identitário e de formação.

Para dar suporte a minha análise utilizei o memorial do estágio do curso Normal Médio, produzido, no ano de 2009, ano em que concluí o magistério. Além disso, também tomo como subsidio de minhas reflexões autobiográficas, meu diário de leitura e vivências, ocorridos na graduação¹. Foi a partir das minhas memórias de constituição leitora no processo de formação profissional, que visualizei formas diferentes de constituição leitora. Entendi que se fazem possíveis leituras muito além do universo das literárias e impressas de forma geral. E, em contato com alunos de turmas da educação infantil de uma escola municipal de Caetité-BA, fui percebendo semelhanças com as minhas histórias leitoras e assim imaginando possibilidades de contribuir pelo avanço dessa formação leitora. Neste contexto, Freire (2001, p. 23) afirma que antes mesmo de dominar a leitura da palavra, antes de ir para escola o indivíduo lê o mundo a sua volta, trazendo consigo suas vivências:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

¹ Curso de Letras Vernáculas, Componente Curricular Estágio Supervisionado I e II, Orientação da professora Zélia Malheiro Marques, ano 2014, DCH – Campus VI./UNEB/Caetité.

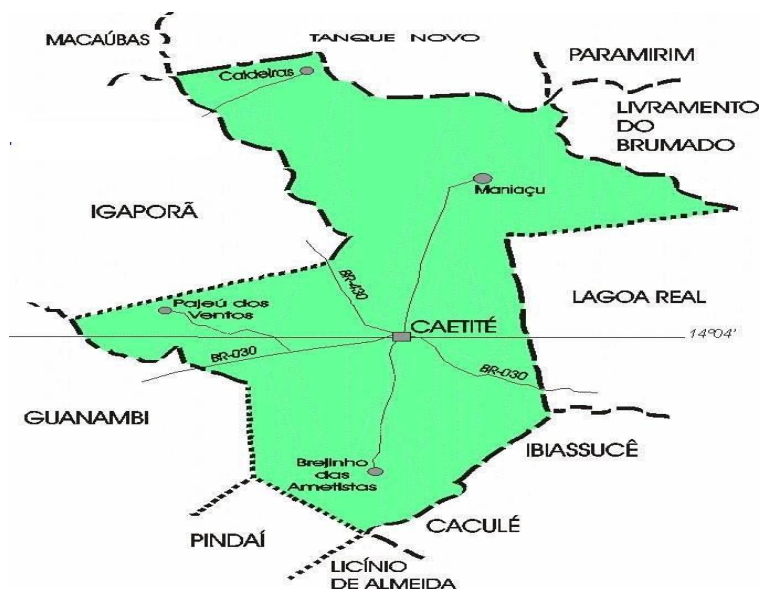
Na constituição leitora, a cada leitura que faz, o leitor traz consigo suas experiências, cultura, valores e uma pluralidade de interpretações. Ao experimentar a leitura, o ser humano é capaz de compreender melhor o mundo, tornar-se sujeito da sua própria história e conscientizar-se da sua participação social e política. Assim sendo, é imprescindível que a sociedade convença-se da força libertadora e construtiva da leitura e também da escrita.

3.2 Descrições do local e do ambiente da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Caetité-BA. De acordo um painel histórico, realizado pelo IBGE, a cidade foi um dos primeiros povoados do Alto Sertão da Bahia, localizada a 645 quilômetros da capital do estado, Salvador e, segundo a estimativa de população de 2015 do IBGE, tem, aproximadamente, 52.531 habitantes. Com mais de dois séculos de emancipação, a cidade foi polo cultural da região sertaneja da Bahia, foi, ainda, pioneira na educação regional, com a primeira Escola Normal do Sertão Baiano.

O mapa abaixo, imagem 1, traz o município de Caetité-BA, os circunvizinhos e os distritos, inclusive o local em que desenvolvi essa pesquisa, ou seja, Pajeú dos Ventos.

Imagem 1: Mapa do município de Caetité-BA.



Fonte: www.geocities.ws/caetitecultura/cteverderod.

Neste local, encontra-se uma escola municipal, como podemos observar no mapa acima, fica distante da sede do município aproximadamente 34 quilômetros. A comunidade é constituída de diversas famílias quilombolas e de baixa renda, onde a falta de emprego faz com que muitos pais de família migrem para outros estados á procura de recursos financeiros, isso acaba gerando uma grande desestrutura familiar e assim a ausência dos pais no processo de crescimento das crianças acaba influenciando de forma marcante na vida escolar dos alunos.

Sendo a maioria das famílias de baixa renda são beneficiados por programas como o Bolsa Família do governo federal. Infelizmente este benefício não é suficiente para suprir as necessidades de famílias numerosas, e com isso o quadro de pobreza se intensifica. Em meio a essa situação muitos pais se entregam ao alcoolismo e isso os leva a cometer barbaridades com seus filhos e esposas, como: agressão física, psicológica e sexual. Assim, muitas mães acabam cumprindo o papel de pai e mãe, pois devido essas circunstâncias acabam se separando. É perceptível a difícil realidade vivenciada por esses alunos e como esta reflete nitidamente no seu processo de aprendizagem.

A escola é localizada em uma área arborizada, e ainda infelizmente não é murada e por não ser suficiente a quantidade de salas para os 180 alunos (registro do último senso escolar de 2014), há salas anexas, e são nelas salas que atuo como professora formadora e assim consequentemente realizei minha pesquisa. São salas amplas e bem ventiladas, apesar de tudo, considero um ótimo espaço educacional.

Na escola, possui aparelhos eletrônicos como, data show, televisão, DVD, aparelho de som e estes são recursos que, ao utilizá-los contribuo com aulas mais dinâmicas e lúdicas, e assim consigo despertar a atenção, interesse e curiosidade e com isso a aprendizagem flui com mais intensidade, servindo para me aproximar melhor dos meus alunos, também colaboradores neste trabalho de pesquisa.

3.3 Colaboradores da pesquisa

Integram as duas turmas de educação infantil, sendo do I e II. Os alunos que estão no infantil I somam-se um total de 10 pessoas. Sendo que 5 são meninas e 5 são meninos na faixa etária de 4 anos de idade. São ativas, cheios de energia e para elas é difícil a concentração deixando evidências de o quanto se faz necessário investir em ações que os ajudem a desenvolver essa habilidade.

Algumas crianças já chegam à escola demonstrando confiança no educador e nos demais funcionários da escola, socializando-se com alegria entre os colegas. Nota-se que algumas crianças não aceitam ser repreendidas e desobedecem as normas para uma boa convivência em grupo.

A maioria das crianças prefere brincar sozinha, observando de longe o que os outros estão fazendo. Na realização das atividades dirigidas, percebo que alguns primeiramente observam os colegas, depois passam a imitá-los, interagindo, outros decidem fazer de imediato.

Não são crianças agressivas e demonstram serem crianças alegres, embora carentes de carinho e atenção. São dispostas a compartilhar a sua energia em brincadeiras que possam enriquecer seu grupo social, fazendo novos amigos. Apresentam muita curiosidade e se interessam por atividades dinâmicas. O aprendizado de novidades como aprender novas músicas e brincadeiras, é bem apreciado por eles. A maioria apresenta facilidade no acompanhamento escolar enquanto os demais vão conseguindo superar suas dificuldades no decorrer do desenvolvimento das atividades. São receptivos à leitura, inclusive eles adoram manusear livros e ouvir histórias infantis.

A turma do Infantil II é heterogênea. Com 19 alunos, 11 meninas e 8 meninos, eles estão na faixa etária de 5 e 6 anos. Demonstram confiança e alegria no convívio com as educadoras, os amigos e demais funcionários da escola. Interage de maneira espontânea e franca, o que gera uma melhor autoestima. A maioria já exerce algumas habilidades na escrita, outros, porém ainda sentem dificuldades na coordenação motora. São capazes de escrever, identificar e memorizar algumas histórias ouvem com muita atenção e expressam-se com clareza, já escrevem e identificam as letras do nome, alguns numerais, diferenciam cores e tem noção de espaço.

Participam das brincadeiras, explorando com intensidade “o faz de conta.”² Ao brincar de faz-de-conta, as crianças, ao mesmo tempo em que desenvolvem importantes habilidades, elas trabalham alguns valores de sua comunidade, examinam aspectos da vida cotidiana, apreendem os matizes emocionais de diferentes personagens, são capturadas por representações sociais sobre determinados eventos.

Apesar de ocorrer casos de agressividade na turma (bater, morder, empurrar) demonstram ser crianças alegres, carentes de carinho e atenção, dispostas a compartilhar a sua energia em brincadeiras que possam enriquecer seu grupo social, fazendo novos amigos. As crianças, em sua maioria, conversam naturalmente, relatam fatos e realizam comentários durante as histórias. Algumas necessitam aprimorar um pouco mais sua linguagem oral.

A maioria compreende e obedece as normas estabelecidas, exigindo de seus colegas o cumprimento dos regulamentos escolares. Contudo, há aqueles que, em alguns momentos, desrespeitam essas normas sendo necessárias intervenções, e nesses momentos demonstram temor e insegurança, acredito por ser sua primeira experiência escolar.

Notei que alguns alunos são carentes de afetos familiares como atenção, carinho e acompanhamento cotidiano, e isso dificulta na aprendizagem e na interação escolar. Contudo as crianças estão em desenvolvimento e no decorrer de sua caminhada educacional suas dificuldades, acredito, deverão ser sanadas.

3.4 Instrumentos da pesquisa

Foi a partir do projeto de leitura: “UMA VIAGEM PELO MUNDO FANTÁSTICO DE MONTEIRO LOBATO.”, proposto pela equipe gestora e coordenadora da escola, e elaborado em conjunto com os professores, que surgiu o livro de fábulas, objeto de minha pesquisa. A proposta do projeto me deixou deslumbrada, pois representou uma “viagem”, andar pelo mundo, através das páginas de um livro, o que considero algo fantástico, até para mim

² O jogo de faz-de-conta desenvolve-se a partir das atitudes e desejos dos “jogadores” que usam certos objetos na definição de uma situação onde há determinadas regras.

que já sou adulta, e imagina então para crianças, alunos em que a fantasia faz parte do seu imaginário.

Imagem 2 - Livro de Fábulas produzidas pelos alunos com o auxílio da professora Anastácia.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Desenvolvemos este projeto de leitura acreditando que a leitura deve ser fonte de prazer. Escolhemos estudar a vida e algumas obras do ilustre Monteiro Lobato. Além de amar ler e escrever para crianças e adultos, este grande escritor, fazendeiro e jornalista, procurou transformar o Brasil num país moderno e desenvolvido por meio de muita coragem e criatividade.

Em suas obras destacam-se alguns aspectos relevantes e que merecem nosso respaldo - seus personagens que se repetem em todas as narrativas; o emprego de crianças como heroínas, promovendo imediata identificação com o leitor; a ausência de autoritarismo e de imagens adultas repressoras; a opinião das crianças personagens sendo valorizada; a

curiosidade e a criatividade são estimuladas, favorecendo voz e vez ao público infanto-juvenil. Conforme CHIAVINI (1994, p. 473):

Como é fácil lidar com os pequenos... Eles aceitam incondicionalmente as ofertas sinceras, deixam-se cativar sem medo por tudo aquilo de que possam auferir prazer, e nos contagiam com o gosto com o qual se envolvem nas tarefas propostas. E são reconhecidos.

O contato com essa literatura tornou-se importante. Formador e formando foram se reconhecendo à medida que as necessidades foram sendo apresentadas. Assim, fui percebendo que o *Sítio do Pica Pau Amarelo* e seus personagens, o encanto nas páginas escritas por Monteiro Lobato é muito mais que um dever escolar, é um grande prazer e contribuição essencial para o nosso próprio sentimento. Lobato significa literatura de muita qualidade e história. Não lê suas obras significa abrir mão de livros que simbolizam nossa própria identidade.

Tive como objetivos neste projeto nas turmas de educação infantil: fomentar o gosto pela leitura; promover a aprendizagem por meio da literatura infantil; reconhecer Monteiro Lobato como um grande escritor da literatura infantil; trabalhar a literatura na escola desde as séries iniciais, contribuir como possível formadora de alunos em sujeitos que simplesmente, não pertençam a uma sociedade, trabalhar o lúdico com recurso intensificador e colaborador do processo de aquisição de leitura.

3.5 Procedimentos das oficinas para produção do livro de fábulas

Para alcançar os objetivos do projeto de leitura, desenvolvi oficinas com os alunos com o objetivo de produzirmos um livro de fábulas. Essas oficinas foram desenvolvidas, durante as aulas de linguagem oral e escrita, movimento e artes. Vale ressaltar que o desenvolvimento do projeto aconteceu ano passado (2015) entre os meses de julho e novembro.

A abertura geral do projeto foi no dia 31 de julho, no pátio da escola com os alunos do turno matutino e vespertino todos juntos. Naquele dia, o projeto foi apresentado e o público demonstrou empolgação, destacando o interesse

pelas obras de Monteiro Lobato. Eu fiquei responsável a apresentar para as crianças alguns *slides* explicativos e lúdicos com a biografia do autor Lobato e algumas de suas principais obras, destacando características relevantes de alguns personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, conforme demonstrativo da imagem 3.

Imagem 3 - Apresentação de *Slides* explicativos sobre Monteiro Lobato.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Dois convidados da Casa Anísio Teixeira (Caetité – BA), como pode ser observado na imagem 4, apresentaram naquela ocasião uma dramatização e foi muito divertida pela abordagem repleta de recursos lúdicos, combinando possibilidades leitoras atuais: músicas, instrumentos musicais, fantoches, pinturas, livro de fábulas, dentre outros objetos diversos. Ficou perceptível o encantamento dos leitores que estavam conhecendo o projeto. A abertura do projeto se deu com a certeza de que o nosso principal objetivo para este dia foi alcançado, ou seja, despertar a vontade de ler e a curiosidade dos educandos.

Imagem 4 - Apresentação de encenação.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Entre os meses de agosto a outubro realizei os procedimentos das oficinas. De início trabalhei a biografia do autor Monteiro Lobato. Usei *slides*, vídeos e atividades. Vi que nas produções, eles se dedicavam muito. Fizeram um painel coletivo, com fotos, desenhos e um mosaico. Produziram também um quebra-cabeça, durante o desenvolvimento dessas atividades. Pude observar que os alunos reconheceram a importância do autor e da leitura, pois, durante as aulas, eles participaram, ativamente, fazendo questionamentos, onde demonstravam interesse e curiosidade.

Do conhecimento da história de vida do autor Monteiro Lobato, comecei a desenvolver a segunda etapa das oficinas. Diversas histórias do universo infantil do autor passaram a ser inseridas no trabalho. Diversos gêneros textuais foram utilizados. Conte histórias, utilizando um baú de contação, usei também um avental para auxiliar na ludicidade das aulas. Em meio a exploração das obras, intensifiquei a observação das características de alguns personagens das histórias.

Entre a execução das aulas, ao comentar sobre Dona Benta e Tia Nastácia, me lembrei da minha professora do primário contando a história dos

bolinhos de chuva de Tia Nastácia. Entre histórias alheias e as minhas, fiquei encantada e, quando cheguei em casa fui logo pedindo a minha mãe para fazer aqueles deliciosos bolinhos como quem quisesse dizer tudo que ouviu e, em um instante, estávamos saboreando o que durante a história eu fantasiei em meu imaginário.

Envovi parte de minha família nessa fantasia e percebi o quanto seria significativo trabalhar com as crianças o concreto, para que assim como eu, eles pudessem associar as receitas das histórias e seu imaginário, a realização das experiências da vida no ambiente de sala. Com isso, montei junto com os alunos um dia de culinária em sala, e foi surpreendente. Os resultados desse dia de aula lúdica estão ainda presentes nas lembranças e nos sobre as histórias que ouviram.

Imagem 5 - Dia de culinária em sala de aula.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Nessa interação com os alunos, comecei a perceber que aquelas situações vivenciadas, em sala de aula se cruzavam com minhas memórias de como me fiz leitora, com histórias em que meu imaginário sempre fluía e então, de pequenas ações, eu transformava as significativas lembranças de vida, cheias de aprendizado e sentimentos.

Nos meses de setembro e outubro, foquei na produção do livro de fábulas, comecei apresentando e contando para os alunos as três fábulas de

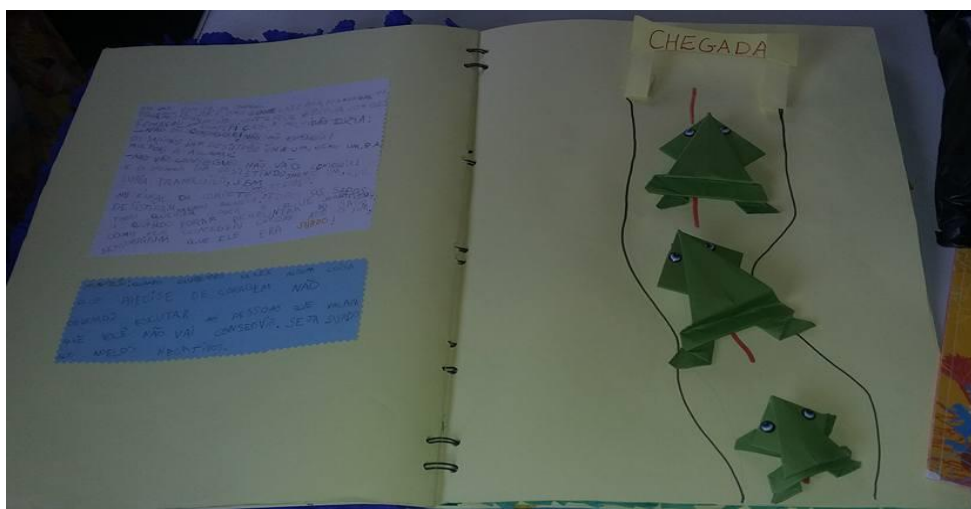
Monteiro Lobato escolhidas: A Corrida de Sapinhos; A Raposa e as Uvas; O Leão e o Ratinho.

A partir da contação, eles já conseguiram fazer a recriação das fábulas, usando muito da imaginação e da criatividade. Aproveitei a empolgação das crianças e daí os auxiliei na reescrita das fábulas. Alguns copiavam muitas palavras, outros as associavam às brincadeiras: como corrida de sapinhos, utilizando saco; acerte o alvo; alcança ou não alcança; esconde-esconde, músicas, vídeos, imagens e objetos que usei nas contações de cada fábula, inclusive os alunos do infantil I já sabiam a letra dos nomes dos personagens principais, enquanto que os alunos do infantil II já até tentavam a escrita de algumas palavras e acertavam, estes ficando radiantes de felicidade quando percebiam seus avanços nas produções.

Explorei com os alunos a moral de cada fábula e me surpreendi quando eles conseguiram associar a realidade vivenciada em sala de aula e também com suas vivências com essas histórias. Conseguiram relacionar o lido com o vivido, e se expressaram com facilidade. Após a reescrita das três fábulas, comecei as ilustrações de cada história, deixei que eles decidissem como seriam e produzimos dobraduras, pinturas, colagens.

Todos os alunos participaram da montagem do livro com muito interesse e capricho. Cada criança participou de forma marcante na produção. Ficou perceptível o empenho e alegria em poder participar ativamente das atividades realizadas, percebi como os recursos lúdicos despertaram o interesse e a imaginação dos alunos.

Imagem 6: Reescrita, moral e ilustração da fábula: A Corrida de Sapinhos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na ilustração da fábula A Corrida de Sapinhos, Conforme a imagem 6 na página anterior, as pinturas com tinta guache, dobraduras e brincadeiras adentraram o imaginário de cada aluno, enchendo de significado e beleza a produção. Foi algo magnífico, mágico para as crianças.

No dia seis de novembro foi o lançamento do livro de fábulas, ficou explícito que a leitura, o lúdico e a vontade de aprender não faltaram na produção do livro. E que o uso de técnicas lúdicas e motivadoras intensificaram e facilitaram o aprendizado, despertando nos alunos a vontade de ler e fazer a imaginação fluir.

4 O ATO DE LER: ENTRE O BELO E COM LEITORES INFANTIS

Daqui da Universidade, certifiquei-me de que, desde quando cursei o curso Normal Médio, há uns sete anos atrás, que já estava me direcionando a uma concepção pedagógica para nortear minha prática como professora da educação infantil e fundamental I. Concepções identificadas como as Vygotsky (1989), foram de relevância para comprovação de que a interação social e a ludicidade são fundamentais contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Nessa concepção, Vygotsky apud Núñez (2009), diz que a aprendizagem desenvolve-se a partir das relações sociais e o pensamento e linguagem são processos interdependentes, desde o início da vida, e o sujeito é interativo, passa a adquirir o conhecimento a partir das relações com o meio.

Assim, a formação da criança é influenciada através das trocas sociais, ou seja, através da interação com o meio em que a criança vai se desenvolvendo, conseqüentemente com as práticas educacionais com as quais passa se submeter. Caso não ocorra a interação entre o indivíduo e o meio, o desenvolvimento ficará defasado, devido à falta de situações propícias ao aprendizado. Para que haja essa interação, em sala de aula, o uso de recursos lúdicos é de suma importância, pois é essencial apresentar aos alunos o maravilhoso, a fantasia, ter contato com personagens dinâmicos, cenários atraentes, para que estes possam deslumbrar-se desse universo literário, interagindo com a leitura e com o meio de forma significativa:

A educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (ALMEIDA, 1994, p. 41).

Como fui constatando, antes de aprender a ler, a imaginação criadora e a exploração sonora, próprias das brincadeiras infantis se misturam com a descoberta do mundo e com elas se confundem. Essa ideia é reafirmada por

Ramos (2006), quando destaca que, cada criança, coloca na brincadeira uma carga imensa de sentimentos, sonhos, frustrações e desejos, sendo que é através da brincadeira que a criança organiza seu mundo exterior e, pelo encantamento, passa a uma imaginação mais criadora.

Dessa forma, o professor deve buscar metodologias que atendam as necessidades das crianças. Os recursos lúdicos têm o poder de provocar e instigar o aluno, despertando emoções e sensações inigualáveis, atendendo-se para a ideia de que se faz necessário conciliar a ludicidade ao texto literário, contribuindo para que ele seja mais valorizado no meio infantil.

Assim torna-se bem mais fácil a entrada da criança para o universo da literatura. Neste contexto, Abramovich (1997) afirma que se faz necessário vencer os obstáculos para se descobrir a literatura, buscando investir nesse campo com várias possibilidades que servem de desvelamento dessa questão, contribuindo para conhecimento mais íntimo do texto literário.

Estimular a leitura desde seus primeiros anos de idade é uma importante missão dos pais e da escola, porém infelizmente no cenário brasileiro a maioria das famílias não têm condições econômicas e/ou culturais para exercer o papel de mediadora da leitura de literatura. Assim, o professor é encarregado de aproximar ao educando da literatura, uma tarefa que vem cumprindo com grande dificuldade, considerando-se que poucas escolas têm bibliotecas, outras, embora tenham livros, não se têm propostas de utilização desses recursos, ficando-os sem o uso devido, um acervo distante dos leitores. A escola, por sua vez, fica com a leitura comprometida, às vezes, apenas com os livros didáticos fornecidos pelo governo.

Mesmo com todos esses entraves, é fundamental que o professor promova essa mediação, quer disponibilizando seus próprios livros para leitura, quer conseguindo livros por meio de campanhas que os incentivem à leitura por meio de textos avulsos colhidos em jornais, revistas ou xerografados. Qualquer que seja a solução encontrada para aproximar a criança do texto, essa atividade de leitura precisa ser motivada pelo prazer que a leitura oferece e não apenas como instrumento de avaliação ou como tarefa enfadonha.

Nossa discussão passa pela ideia de que se faz necessário ser um professor que é, também, um bom leitor literário e, assim, vá favorecendo experiências de leitura, inclusive do texto literário. Caso esteja na condição de

professor sem muita familiarização com a leitura, antes de ser um mediador da leitura, que tenha atitudes no sentido de buscar essas vivências pelas diversas possibilidades identificadas na contemporaneidade.

Uma boa forma é realizar discussões com suas histórias de leitura. Nesse aspecto, entrelaço minhas lembranças, quando criança, por exemplo, via nos livros infantis um mundo de diversões e nem brincava no recreio para poder ficar lendo e imaginando e criando histórias a partir das imagens. Nesse caso, o livro era para mim muito mais que utilidade, era brinquedo, prazer.

Pertencia a um modelo educacional com limitações, não somente pelo fato de ser uma turma multisseriada, mas por outras razões de falta de acompanhamento pedagógico. Lembro-me que a professora não explorava muito a leitura e, dificilmente, contava uma história para nós. Senti falta de livros, de histórias, enfim da leitura em minha formação leitora. Recordo com emoção as histórias que minha mãe contava, sem livro mesmo e, com o tempo, fui logo descobrindo que ela inventava todas, já que não tínhamos condição para comprar livros.

De um ambiente familiar que faltava livros, ganhar um era muito importante. Foi o que aconteceu comigo, quando minha professora me presenteou com o livro *A Formiguinha e a Neve*³. Para mim, uma festa, lembro-me que o consegui ler com entusiasmos e, assim, fui me tornando leitora.

Como não dizer o quanto foi importantíssimo trazer a leitura para a sala de aula, para assim “despertar” o sabor de ler? Faz-se fundamental propiciar condições para o prazer com satisfação de necessidades, lembrando que o gosto pela leitura pertence ao domínio da arte, do lúdico. Sendo a literatura arte e, como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente á intimidade da criança, que tem um desejo devorador pelo divertido, pelo belo e fantástico e poder encontrar na literatura infantil os fatores necessários e adequados para seus anseios.

Infelizmente a sala de aula é, em muitos casos, o único espaço de leitura. Por isso mesmo não deve ser utilizado como lugar de atividades castradoras da leitura, lugar de puro conteúdo sem inserção dos diversos

³ De autoria de João de Barro, o livro *A Formiguinha e a Neve*, traz a história de uma formiga pequena que andava bem distraída, quando a neve prendeu seu pé e ela ficou sem saída. Pediu a ajuda de todos, para poder se salvar. Mas ninguém ligou para ela, ninguém a quis ajudar, mas ela não perdeu a esperança e enfim a natureza a ajudou.

textos, fazendo dessa experiência apenas para preencher tempo, para castigar ou para apenas ensinar conteúdos.

Uma escola deve ser lugar que tenha o objetivo de divertir e de encantar. É tarefa do professor, portanto, nutrir as crianças através do desvelamento dessa arte que, assim como o brincar, se realiza no mundo do faz-de-conta, na plena convicção de que a ficção e a brincadeira favorecem o viver de outras vidas, reinventando a própria história.

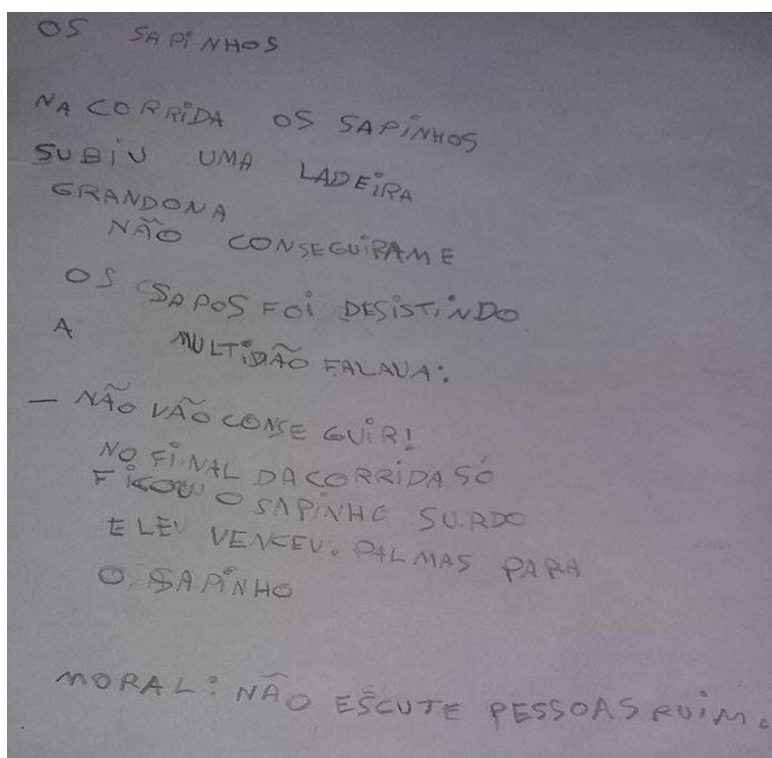
A formação do gosto pela leitura acontece, quando não se nega a utilização da literatura e possibilita ao aluno um percurso de afetividade, liberdade e de imaginação pelo texto. Nesse sentido, um enredo bem construído, uma ilustração atraente e um desenvolvimento com recursos lúdicos diversos configuram-se formas para se levar aos leitores condições prazerosas do ato de ler, podendo inserir a realidade e criar novos elementos para o cotidiano e para o próprio futuro.

Pensando, desta forma, busco em minha prática pedagógica inserir o mais cedo possível meus alunos no contexto literário e procuro da melhor forma lhes apresentar uma leitura prazerosa e significativa. Tomo as atividades lúdicas na escola, com a mesma ideia de Luckesi (2000, p.21) para “auxiliar o educando a ir para o centro de si mesmo, para a sua confiança interna e externa [...]”. Como diz esse autor, estou observando que essa não é tarefa tão difícil, é estimuladora, quando se organiza propostas que os levam a pensar. Assim o lúdico como método pedagógico prioriza a liberdade de expressão e criação.

Para esta análise, duas das três produções feitas por meus alunos foram escolhidas por mim, sendo a primeira: *Os sapinhos*, produzida pelos alunos do infantil II, a partir da fábula de Monteiro Lobato *A Corrida de Sapinhos*. (ANEXO A). A segunda, *A Raposa com Fome*, com base na fábula *A Raposa e as Uvas*. (ANEXO B).

Na primeira produção, *Os Sapinhos*, conforme imagem 7, ficou explícito para mim que as crianças conseguiram alcançar os objetivos propostos no sentido de aquisição de leitura. No momento em que eles estavam recontando a fábula, não só puderam associar a corrida à brincadeira de corrida de saco, as músicas, mas também puderam demonstrar habilidade na criação e recriação da história, deixando fluir a imaginação.

Imagem 7 - Reescrita da fábula *A Corrida de Sapinhos*.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Nesta produção, ficou explícito para mim que as crianças conseguiram alcançar os objetivos propostos no sentido de aquisição de leitura. No momento em que eles estavam recontando a fábula, não só puderam associar a corrida à brincadeira de corrida de saco, as músicas, mas também puderam demonstrar habilidade na criação e recriação da história, deixando fluir a imaginação.

Observei que educar com ludicidade deve ser um ato planejado carinhosamente, de forma que a proposta venha seduzir e envolver os alunos ao prazer de conhecer e de criar. Entendi que, se eu levasse para sala de aula recursos que não tivessem relação com o texto trabalhado, não teria conseguido esse resultado tão significativo, não surtindo o saldo positivo, como se fez. Isso me fez comparar ao que diz Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988, p. 29),

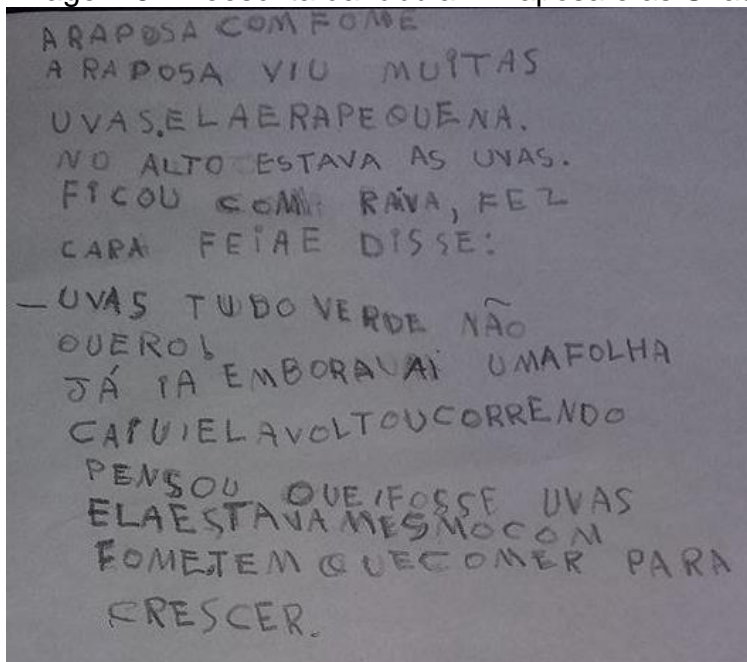
É primordial que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa. Nessa perspectiva não se deve confundir situações nas quais se objetiva determinadas

aprendizagens relativas a conceitos, procedimentos ou atitudes explícitas com aquelas nas quais os conhecimentos são experimentados de uma maneira espontânea e destituída de objetivos imediatos pelas crianças.

Nas produções dos textos, os alunos demonstraram ter compreensão da atividade proposta, apresentaram textos bastante legíveis e também conhecimento e domínio do gênero textual usado na pesquisa: a fábula. Sabiam o que, para que e para quem estavam escrevendo, pois escreveram para outros interlocutores. Utilizaram regras ortográficas, ainda que não dominassem essas regras, evidenciando contato com outros textos.

As crianças reescreveram as fábulas em uma sequência lógica, com início meio e fim, estando os textos coesos e apresentando uma organização esquemática (embora em construção) de acordo com os propósitos a que se destinam. Apesar de ainda estar em processo inicial de alfabetização e com isso algumas cometerem alguns deslizes de código escrito, observei que as crianças demonstraram interesse na produção de textos, pois organizaram as ideias e conseguiram associá-las com outras produções escritas. No final do texto: *A Raposa Com Fome*, eles fizeram a relação da música infantil trabalhada em sala: Comer, Comer da cantora Eliana. Eles expressaram a ideia que diariamente é passada para eles, que é preciso comer para crescer e, assim, passamos a ver na imagem a relação feita pelas crianças na produção:

Imagem 8 - Reescrita da fábula A Raposa e as Uvas



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Ficou perceptível também que os alunos já sabem que se escreve da esquerda para a direita e de cima para baixo. Embora sua escrita não seja ainda convencional, observa-se a adequação de padrões discursivos e dos gêneros empregados.

Nesse âmbito, observei que o ato de ler é uma atividade geradora de significados, sendo tarefa de formar leitores que se concretiza numa relação crítica e prazerosa do professor com o livro e com as estratégias lúdicas, favorecendo com que as crianças venham iniciar-se como leitores numa relação efetiva e afetiva com a linguagem.

Fui entendendo, também, que as atividades individuais de leitura são essenciais para criar uma relação pessoal com os livros que farão parte deles pelo resto da vida. Assim, fui identificando possibilidades de formação do leitor, que se dá numa relação prazerosa com a obra literária, numa teia de experiências marcantes, como exemplifica ilustração da reescrita da fábula *A Raposa e as Uvas*.

Com a leitura dela, as crianças usaram a criatividade, demonstraram o tamanho das uvas, destacando a fome que a raposinha estava sentindo e, em uma roda de reflexão no momento da ilustração, me disseram que a “Dona Raposa estava com muita fome, tadinha, e que eles iriam dar uvas madurinhas para ela, porque estava tão pequenininha e precisava crescer.”. (Fala de uma aluna de cinco anos).

Imagem 9 - Ilustração da reescrita da fábula *A Raposa e as Uvas*.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na fala da criança é possível perceber o universo de fantasias que a leitura lhe proporcionou, nesse contexto, Yunes (2003) traz que o ato de ler viabiliza ao leitor não apenas a aquisição de conhecimentos, mas, sobretudo, amplia horizontes, o seu processo criativo, permitindo o acesso ao mundo da imaginação. Assim, neste mundo se pode sonhar, criar as mais diversas fantasias e viver os mais variados sentimentos.

Com a produção do livro de fábulas com os alunos da Educação Infantil, intensificou-se em mim a minha prática pedagógica direcionada para a ludicidade, pois percebi o quanto o uso dos recursos lúdicos nas aulas pode facilitar a aprendizagem dos alunos, inclusive no processo de aquisição da leitura. Observei que a leitura é um processo ativo e dinâmico, que implica em uma relação entre leitor, texto e contexto, ou seja, que o ato de ler e de se aprender nos envolve completamente e nos faz interagir com o meio e com nossas vivências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações, como havia anunciado, faço um balanço das experiências como professora, iniciante de pesquisadora, atentando-me para a ideia do quanto se faz fundamental na aprendizagem da criança uma prática pedagógica rica em ludicidade e como esta mediação influi intensamente em um processo de constituição leitora.

Com questões como buscar compreender de que forma os recursos lúdicos contribuem para a aquisição da leitura na educação infantil e qual é o papel da Literatura Infantil na construção de um sujeito leitor, fui encontrando repostas, a partir da experiência com a pesquisa.

Posso dizer que está visível o quanto a literatura pode ser mais familiarizada em ambientes escolares, como pode mexer com a imaginação da criança e levá-la ao desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, a sociabilidade, senso crítico e, ainda, intensificar sua constituição leitora.

É a literatura infantil que se torna como fundamental na constituição de um sujeito leitor, não um leitor que apenas decodifica, mas sim, que compreende o sentido do texto lido, escrito ou narrado, desde que seja utilizada como leitura que se desenvolve, provoca, enriquece e nos encaminha à reflexão.

É favorecer mediação da leitura, não só pensar o êxito ou que o gosto literário venha acontecer sem o devido engajamento dos envolvidos no processo leitor, seja o professor, seja o aluno. Às vezes, está perceptível que o ensino não proporciona meios viabilizadores para alcançar o grande intuito da Literatura Infantil, ou seja, povoar a mente das crianças com histórias que os ajudem a se tornarem cidadãos mais críticos e reflexivos, transformando-os, a todo momento, em leitores ativos.

No desenvolvimento das oficinas para produção do livro de fábulas com os alunos da Educação Infantil, pude concluir o quanto é importante, na aprendizagem da criança, uma prática pedagógica rica em ludicidade e como esta mediação influi intensamente em sua constituição leitora, uma vez que, a literatura infantil trabalhada, de forma espontânea e lúdica, rica e com recursos didáticos, exerce relevância sobre a criança, tornando assim, a leitura significativa.

Vivenciamos experiências em que a aquisição da leitura se fez fundamental, tanto no nível da escola, quanto fora dela, pensando ideias de que os diversos tipos de textos são necessários para produzir e construir sentidos, favorecendo a leitura como abertura ao mundo, o que nos permite um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo, pois todos nós próprios e o mundo ao nosso redor. Neste contexto, que percebi como no desenvolvimento deste trabalho, vi como minhas histórias de constituição leitora sempre vinham em mente, me fazendo refletir sobre minha prática pedagógica.

Deste modo, para fazer a diferença, observo como importante consideração a ideia de que cada professor tenha a possibilidade pensar sua trajetória leitora, certificando-se de que bons leitores são também conhecedores de si próprios.

Identifico como importante tarefa essa de contribuir pela proposta de formar leitores conscientes, que não se limitem a leitura obrigatória, mas que haja entrelaçamento de experiências, como as próprias histórias, tornando mais próximo de si as experiências do mundo particular do leitor.

A partir daí, fica bem mais adequado buscar outras leituras fora dos espaços escolares e o encontro com o prazer no ato de ler. Por isso, acredito que a formação do leitor desde a Educação Infantil vai além do entretenimento e diversão, pois possibilita a criança em sua aquisição da leitura conhecer a si mesmo e sua cultura, tornando-o mais criativo, sensível e produtor de sua realidade. Neste contexto, a arte literária aprimora o senso crítico, amplia nossa visão de mundo, nos desconstruindo e reconstruindo sempre.

Nós, professores, não somente, mas pesquisadores, produtores de conhecimento, ações que venham garantir que crianças sejam esses leitores de si e do mundo, preparando-se de forma mais intensa para estar nesse mundo da contemporaneidade que está cheio de sérios desafios.

Ressalta-se, pois, que o trabalho aqui apresentado aborda aspectos positivos para se mudar e transformar o perfil com o trabalho com a literatura infantil em sala de aula, através da valorização de uma prática pedagógica lúdica, motivadora e prazerosa. Assim, espero que esta pesquisa possibilite a reflexão dos métodos pedagógicos no desenvolvimento do hábito da leitura, na

formação do leitor, como também questionamentos sobre a mediação da literatura em sala de aula.

Considero o caráter mágico e lúdico da literatura infantil como a iniciação da criança ao mundo da leitura e a tudo que ela venha proporcionar. Considero, também, a ação como mecanismo para subsidiar confiança. É leitura que deixará de ser uma tarefa tediosa para alguns e poderá se transformar naquilo que sempre carecia ser, ou seja, uma atividade prazerosa, atrativa e envolvente.

Fica, portanto, o trabalho como um convite a incitar discentes e docentes à leitura. Não somente palavras “Maravilhoso!” “Vamos ler!”. Falar é fácil. Aqui, está um trabalho para se concretizar. Só irá perceber, quem se dispuser a vivenciar esse universo fantástico que é o da leitura e isso se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando criteriosamente as metodologias que serão trabalhadas em sala de aula. Deste modo, deve-se estimular o prazer da leitura e deixar que o leitor vá avançando passo-a-passo em sua constituição leitora. Vamos juntos?

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Paulo. **Educação lúdica**. São Paulo: Loyola, 1994.

ARAÚJO, Jorge. **Letra, leitor, leituras: Reflexões**. 2. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHIAVINI, Vera. **Contar histórias é fazer arte**. São Carlos: UFSCar, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DIDONET, Vital. **Educação infantil**. Brasília: Humanidades, 2002.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: Nóvoa, António; FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JOSSO, Marie Christine. **Da formação do sujeito ao sujeito da formação**. In: Nóvoa, António; FINGER Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LUCKESI, Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano

Carlos (org.). **Ludopedagogia – ensaios 1; educação e ludicidade**. Salvador: ed. Gepel, 2000.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MATOS, Kelma. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOITA, Maria. Percursos de Formação e de Transformação. In NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. (Org). **O método autobiográfico**. Portugal: DRHS, 1988.

NÚNEZ, Isauro. **Formação de conceitos e princípios didáticos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

RAMOS, Anna. **Nos bastidores do imaginário: criação e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2006.

SORIANO, Marc. **Guia de literatura por Jeunesse**. Paris: Flammarion, 1975.

TEZANI, Thaís. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos**. 2004. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br>.> Acesso em: 15/11/2015.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: YUNES, Eliana & OSWALD, Maria Luiza (orgs). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1987.

ANEXOS

ANEXO A

A corrida de sapinhos – Fábula de Monteiro Lobato

Era uma vez uma corrida de sapinhos.

Eles tinham que subir uma grande ladeira e, do lado havia uma grande multidão, muita gente que vibrava com eles.

Começou a competição.

A multidão dizia:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

Os sapinhos iam desistindo um a um, menos um deles que continuava subindo. E a multidão a aclamar:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

E os sapinhos iam desistindo, menos um, que subia tranquilo, sem esforço.

No final da competição, todos os sapinhos desistiram, menos aquele.

Todos queriam saber o que aconteceu, e quando foram perguntar ao sapinho como ele conseguiu chegar até o fim, descobriram que ele era SURDO!

Moral:

Quando queremos fazer alguma coisa que precise de coragem não devemos escutar as pessoas que falam que você não vai conseguir. Seja surdo aos apelos negativos.



ANEXO B:

A Raposa e as Uvas - Fábula de Monteiro Lobato

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisas de fazer vir água na boca. Mas tão altos, que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho:

- Estão verdes - murmurou. - Uvas verdes, só para cachorros.

E foi-se.

Nisto, deu o vento e uma folha caiu.

A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa, e pôs-se a farejar.

